



A RELAÇÃO DIALÓGICA NAS FORMAÇÕES EM GESTALT-TERAPIA: REFLEXÕES GESTALTPEDAGÓGICAS

The dialogic relationship in Gestalt therapy training: Gestalt pedagogical reflections

Relación dialógica en la formación en terapia Gestalt: reflexiones Gestaltpedagógicas

Estudo teórico

Gustavo Alves Pereira de Assis

Resumo: Este estudo parte da Gestaltpedagogia, que compreende a educação em uma perspectiva integral, para contemplar, nos processos formativos, a totalidade do ser humano, com ênfase no aspecto relacional. Sendo assim, este ensaio teórico objetiva compreender a relação dialógica entre o estudante e o professor nas formações em Gestalt-terapia. Nesse sentido, a relação dialógica foi considerada como um instrumento basilar na formação do vir-a-ser do Gestalt-terapeuta. Concebe-se a Gestaltpedagogia como uma pedagogia buberiana ou como uma Gestaltpedagogia do encontro, em que a formação do Gestalt-terapeuta é constituída na e pela relação, com ênfase no aspecto vivencial, em busca da emancipação do aluno em seu percurso formativo. No campo da Abordagem Gestáltica, entendendo o Gestalt-terapeuta como um profissional da relação, a ênfase dialógica mostra-se como um instrumento significativo para a aprendizagem clínica. Assim sendo, o campo da Gestaltpedagogia revela-se como uma *Gestalt* aberta para novas investigações na área da educação de psicoterapeutas no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Abordagem Gestáltica; Docência; Educação; Formação de psicoterapeutas.

Abstract: This study starts from Gestalt pedagogy, which comprises education in an integral perspective, to contemplate, in the formative processes, the totality of the human being, emphasising the relational aspect. Therefore, this theoretical essay aims to understand the dialogical relationship between the student and the teacher in Gestalt therapy training. In this sense, the dialogic relationship was considered a basic instrument in the formation of the Gestalttherapist's come-to-be. Gestaltpedagogy is conceived as a Buberian pedagogy or as a Gestalt pedagogy of the encounter, in which the formation of the Gestalt therapist is constituted in and by the relationship, with emphasis on the experiential aspect, in search of the emancipation of the student in their formative path. In the field of the Gestalt Approach, understanding the Gestalt therapist as a relationship professional, the dialogic emphasis is shown to be a significant instrument for clinical learning. Therefore, the field of Gestalt pedagogy reveals itself as an open *Gestalt* for new investigations in the area of psychotherapist education in the Brazilian context.

Keywords: Gestalt Approach; Teaching; Education; Training of psychotherapists.

Resumen: Este estudio parte de la Gestaltpedagogía, que comprende la educación en una perspectiva integral, para contemplar en los procesos formativos la totalidad del ser humano, con énfasis en el aspecto relacional. Por lo tanto, este ensayo teórico tiene como objetivo comprender la relación dialógica entre el estudiante y el profesor en las formaciones en terapia Gestalt. En este sentido, se consideró la relación dialógica como un instrumento fundamental en la formación del futuro Gestalt-terapeuta. Se concibe la Gestaltpedagogía como una pedagogía buberiana o una Gestaltpedagogía del encuentro, donde la formación del Gestalt-terapeuta se constituye en y través de la relación, con énfasis en el aspecto vivencial, en busca de la emancipación del alumno en su proceso formativo. En el campo del enfoque gestáltico, entendiendo al Gestalt-terapeuta como un profesional de la relación, el énfasis dialógico se muestra como un instrumento significativo para el aprendizaje clínico. Por lo tanto, el campo de la Gestaltpedagogía se revela como una *Gestalt* abierta a nuevas

investigaciones en el área de la educación de psicoterapeutas en el contexto brasileño.

Palabras clave: Enfoque Gestáltico; Docencia; Educación; Formación de psicoterapeutas.

“Aquilo que nos une como seres humanos não é, necessariamente, o visível e o palpável, mas, sim, a dimensão invisível e impalpável “entre” nós. É o espírito humano que permeia qualquer interação nossa”.

(Hycner & Jacobs, 1997, p. 29, em Relação e cura em Gestalt-terapia).

INTRODUÇÃO

Este artigo teórico discute a relação dialógica entre o estudante¹ e o professor² nas formações³ em Gestalt-terapia. Parte-se da perspectiva de que a relação dialógica é basilar no processo formativo do psicólogo de Abordagem Gestáltica, visto que a Gestalt-terapia é configurada como abordagem clínica relacional. Uma problematização constitui o fio condutor desse estudo: como pensar a relação dialógica entre o professor e o aluno nas formações na Abordagem Gestáltica? Para refletir sobre essa questão, realizar-se-á um ensaio teórico baseado na teoria da Gestaltpedagogia com o objetivo de compreender como se configura a relação dialógica entre o estudante e o educador nas formações em Gestalt-terapia.

Alguns conceitos são fundamentais para este artigo e merecem esclarecimento. Compreende-se por Abordagem Gestáltica toda a dimensão filosófica e teórica da Gestalt-terapia aplicada a outros campos que não sejam o da clínica psicoterápica, como o campo da educação, no qual se configura uma Gestaltpedagogia, por exemplo. Além do mais, ao se referir à formação em Gestalt-terapia, quer se dizer uma formação do indivíduo⁴ como um todo, em sua totalidade, que inclui a formação técnica, mas não se restringe a ela, pois considera os aspectos afetivos, sociais, culturais, entre outros componentes da formação do indivíduo. Desse modo, é uma formação holística. Nessa perspectiva, faz sentido pensar em

¹Nesse ensaio, apesar das discussões na área da Pedagogia/Educação, os termos formando, educando, discente, estudante, aluno e aprendiz serão usados como sinônimos.

²Nesse estudo, apesar das discussões na área da Pedagogia/Educação, os termos formador, docente, professor e educador serão usados como sinônimos.

³Por formação, nesse artigo, entende-se o processo teórico-prático que promove a aprendizagem clínica, seja em formato de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* ou de curso livre de formação.

⁴ Nessa pesquisa, os termos formação do indivíduo e formação do ser humano serão utilizados como sinônimos para indicar uma formação que inclui os aspectos teóricos, técnicos, sociais, afetivos, emocionais e culturais.

formação como um *continuum* de vida acontecendo no aqui-agora, no gerúndio. Compreende-se também o estudante como pessoa e profissional, termos indissociáveis, que serão utilizados como sinônimos. Como pessoas-profissionais, somos eternos estudantes da vida.

Discorrer sobre a relação dialógica em tempos de intolerância, fascismo e violência é um tanto quanto utópico. Neste estudo, parte-se da utopia de uma relação que torne o processo formativo mais humanizado, genuíno e pleno de sentido existencial, na esperança dessa possibilidade se concretizar. E aqui, a escrita parte da posição de uma educação utópica, fundamentando a Gestaltpedagogia nessa utopia/esperança.

Assim sendo, a pesquisa está dividida em quatro partes: na primeira é realizada uma teorização acerca da Gestaltpedagogia, buscando compreender algumas conceituações introdutórias dessa teoria; na segunda parte, é descrito um panorama sobre a relação dialógica, suas características e desdobramentos, em um movimento que parte da clínica gestáltica para a Gestaltpedagogia; na terceira parte, é discutida a relação dialógica entre o estudante e o professor nas formações em Gestalt-terapia na perspectiva da Gestaltpedagogia; e por fim, à guisa de conclusão, algumas considerações finais são tecidas.

GESTALTPEDAGOGIA: ALGUMAS CONCEITUAÇÕES

A Gestaltpedagogia é uma abordagem pedagógica que foi desenvolvida inicialmente por Hilarion Petzold na década de 1970. Burow e Scherpp (1985), autores clássicos da área, definem esse campo como a teoria e a prática pedagógica que se orienta a partir dos princípios da Gestalt-terapia e da Gestaltpsicologia (conhecida também como Psicologia da Gestalt, Psicologia da Forma ou Gestaltismo). Desse modo, fundamenta-se nas bases epistemológicas da Gestalt-terapia, tendo os fundamentos filosóficos do humanismo, do existencialismo e da fenomenologia, e nas bases teóricas do holismo, da teoria organísmica, da Gestaltpsicologia e da teoria de campo (Andrade & Holanda, 2019; Ribeiro, 2006; Ribeiro, 2011; Ribeiro, 2012; Ribeiro, 2022; Yontef, 1998).

A visão de mundo e de ser humano da Gestaltpedagogia, ou seja, as suposições antropológicas básicas são: o ser humano é um ser social; o indivíduo é ativo; as manifestações do ser humano só podem ser compreendidas em sua totalidade; o ser humano possui potencialidades e possibilidades; o ser humano é digno de confiança e a formação do indivíduo visa ao desenvolvimento global de suas capacidades. Percebe-se que essas concepções antropológicas assentam-se em uma visão humanista e fenomenológica-

existencial, bases filosóficas da Gestalt-terapia, que dão sustentação epistemológica para essa abordagem (Burow & Scherpp, 1985).

A Gestaltpedagogia é uma abordagem de educação integral que tem como objetivo central possibilitar o desenvolvimento global das potencialidades dos educandos, em um processo em que haja a formação das próprias capacidades e habilidades e que se dê ao sentir e ao realizar os próprios potenciais e possibilidades existenciais, ao libertar-se dos bloqueios que interrompem essa realização. O método é a mobilização do estudante e a ampliação da *awareness* que promovem o crescimento (Burow & Scherpp, 1985; Cardella, 2017).

Partindo desse objetivo amplo, desdobram-se outros objetivos mais específicos como o autoencontro, a autorrealização/autossatisfação, o crescimento pessoal, a autorresponsabilidade, o desenvolvimento do potencial humano como um todo, a vivência no aqui-agora e a ampliação da *awareness*. Burow e Scherpp (1985) descrevem ainda mais detalhadamente outros objetivos, que são chamados de objetivos fundamentais, como: reconhecimento das próprias necessidades, estímulo à autonomia pessoal, estímulo à capacidade de sensibilidade, abertura para as exigências das situações, engajamento social, possibilidades de vivências, aumento de potenciais e a formação de relações produtivas entre disciplina e espontaneidade, polaridades, escolhas e hierarquia das necessidades.

Esses objetivos gestaltpedagógicos coadunam com as concepções de Nogueira, Resende e Roure (2020), que defendem que o trabalho docente objetiva a integração e a plenitude do ser humano. A educação seria, portanto, pautada em uma perspectiva de integralidade, de olhar para a totalidade dos sujeitos envolvidos no processo formativo e de promoção da liberdade dos aprendizes. Para esses autores, faz-se “(...) necessário um projeto pedagógico que busque favorecer, conforme seja possível, o estímulo do educando em todas as suas dimensões” (p. 139). Isso se assemelha a visão de uma educação emancipatória, conforme aponta Resende (2003), em que o processo educativo, por meio de experiências formativas, deve propiciar uma autorreflexão crítica, na constituição de um sujeito autônomo. A Gestaltpedagogia, nesse sentido, é uma proposta de uma educação para a integração, para a liberdade e para a emancipação dos discentes.

Para que os objetivos gestaltpedagógicos possam ser alcançados, Burow e Scherpp (1985) definem que algumas condições são necessárias, como a transmissão para o aprendiz do sentimento de pertença, de que ele faz parte do processo educativo; a promoção da dignidade do estudante no seu processo formativo; a preservação e resgate da coragem e a autoconfiança do aluno. Essas condições e objetivos levam em conta a dimensão emocional no campo em que ocorre o processo de ensino-aprendizagem e não pode ser desconsiderada,

pois a epistemologia gestáltica preconiza a indissociabilidade organismo-meio. Em *Gestalt-Therapy: excitement and growth in the human personality*, traduzido para o português brasileiro como *Gestalt-terapia*, obra fundadora da abordagem, Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) afirmam que

em toda e qualquer investigação biológica, psicológica ou sociológica temos de partir da interação entre o organismo e seu ambiente. Não tem sentido falar, por exemplo, de um animal que respira sem considerar o ar e o oxigênio como parte da definição deste, ou falar de comer sem mencionar a comida, ou de enxergar sem luz, ou de locomoção sem gravidade e um chão para apoio, ou da fala sem comunicadore.s (p. 42)

Sendo assim, há de se considerar em Gestaltpedagogia o campo organismo-ambiente, visto que é nesse campo que há possibilidade de crescimento (Perls et al., 1951/1997), portanto, de aprendizagem. Com isso, destaca-se, segundo Burow e Scherpp (1985), a importância de uma unidade indivíduo-meio que integre a dimensão político-social no percurso formativo dos educandos. Para além da dimensão político-social, Costa (2003) reitera que a aprendizagem em Gestaltpedagogia engloba também a dimensão dos conteúdos específicos e dos aspectos psicológicos. Nessa perspectiva, o ensino gestaltpedagógico considera a vivência e a experiência como promotoras de aprendizagem plena de sentido e significado, em que haja reconfiguração do campo organismo-meio, ou seja, um fechamento de *Gestalt* (Dusi, Neves & Antony, 2006).

Cardella (2017) ao dissertar sobre a concepção de aprendizagem para a Gestaltpedagogia, chama de educação mobilizadora aquela em que o saber é construído na relação estudante-educador, “(...) ao nomear sua própria experiência (saber tácito), vivenciada como criação, dando sentido e atualizando esse mesmo conhecimento” (p. 91-92). Essa educação tem a função de facilitar o ajustamento criativo e a *awareness* do formando. Trata-se de um processo educativo em que o aprendiz é convidado a ousar e criar. Para a autora, o ensino passa a ser autodeterminado, em que, em vez de introjetar os conteúdos, haja assimilação e integração desses materiais. A Gestaltpedagogia, nesse sentido, é uma educação mobilizadora. Tendo em vista o caráter profundamente relacional, devemos considerar a dimensão dialógica como fundamento de uma prática gestaltpedagógica.

A RELAÇÃO DIALÓGICA NA TEORIA DE MARTIN BUBER: DA CLÍNICA GESTÁLTICA À GESTALTPEDAGOGIA

Martin Buber foi um filósofo e pedagogo austríaco, considerado como um filósofo da relação, pois em seus postulados propôs uma filosofia dialógica ou uma filosofia do diálogo. Motta, Assis e Satelis (2020) afirmam que a perspectiva de Buber se configura como uma filosofia do encontro, visto que se fundamenta na esfera do inter-humano, ou seja, do entre do encontro humano. É uma perspectiva profundamente relacional que considera o Eu atrelado ontologicamente ao Mundo.

Em suas concepções, Buber postula esferas da vida de relação humana. Na obra *Eu e Tu*, considerado o seu escrito mais importante, ele estabelece a relação homem-natureza, homem-homem e homem-realidades espirituais e, posteriormente, ele estabelece a relação homem-Deus/Eterno (Buber, 1923/2006). Nesses modos de relação, o homem possui atitudes ou modos de ser e estar no mundo: o Eu-Isso e o Eu-Tu. Sendo assim, nos deparamos com dois mundos, o Mundo do Isso e o Mundo do Tu. Nesse sentido, Hycner (1995) e Hycner e Jacobs (1997) apontam que a relação dialógica é um processo dinâmico de alternância entre o Eu-Isso e o Eu-Tu, como Buber postula em sua filosofia dialógica (Buber, 1923/2006; Buber, 1930/2014; Buber, 1942/2018). Todos nós, seres humanos, existimos nesses dois modos de ser, que são inerentemente complementares.

O Eu-Isso é um modo de se relacionar objetificante, coisificante, com manipulação e controle. É uma atitude básica para se relacionar no cotidiano, em um movimento egótico, baseado na experimentação e na utilidade. Porém, Ramon (2010) relembra que na filosofia buberiana uma vida baseada apenas no Eu-Isso é uma vida incompleta e inautêntica, afinal, Buber (1923/2006) nos diz enfaticamente que o indivíduo que vive apenas no domínio do Isso não é plenamente ser humano. Em outra parte de sua obra, o autor assinala que todo viver verdadeiro se dá no encontro, para destacar que o viver humanamente genuíno necessita dos momentos de Eu-Tu.

Já o Mundo do Eu-Tu é o que nos humaniza e se caracteriza pela busca de plenitude que nos leva ao sagrado, marcado pela abertura, disponibilidade, responsabilidade e aceitação (Ciornai, 2004; Ramon, 2010; Vaz, 2007). Buber (1923/2006) afirma que a relação Eu-Tu é um momento de graça, em que não há possibilidade de manipulação, pois tal relação é espontaneamente genuína. Já Yontef (1998) descreve as condições da relação Eu-Tu, sendo a inclusão, a presença, o compromisso, a não-exploração e a característica vivencial. Assim, relação Eu-Tu significa encontro verdadeiro, encontro sagrado, encontro que cura. Significa

um desvelar de si para o outro em sua totalidade, um entregar-se sem medo, é criatividade em ação. Relação Eu-Tu é contato pleno, que Ciornai (2004) diz ser uma atividade que ocorre na fronteira de contato entre o eu e o outro, o eu e o não-eu, ocorrendo em um campo fenomênico, de uma situação fenomenológica. Desse modo, a perspectiva buberiana de uma vida dialógica integra o Mundo do Isso e o Mundo do Tu, sendo o reino do Isso o da experiência e o reino do Tu o da relação.

A filosofia do diálogo de Buber impactou várias ciências, principalmente na área de humanas e da saúde, como a Educação e a Psicologia. A Abordagem Gestáltica, como uma teoria psicológica, por exemplo, foi fortemente impactada pelas ideias de Buber, tendo como uma de suas bases epistemológicas o existencialismo dialógico. A teoria gestáltica é considerada uma abordagem do contato (Ginger & Ginger, 1995), uma abordagem da relação dialógica, pois, como aponta Ribeiro (2012), o processo gestáltico é uma relação de encontro. A Gestaltpedagogia, como parte integrante da Abordagem Gestáltica, também oferece contribuições ao campo educacional acerca da relação dialógica.

Ramon (2010) faz referência à doutrina buberiana aplicada à psicoterapia, em que a atitude do terapeuta é de inclusão, de presença e de confirmação. No campo da Gestaltpedagogia, podemos considerar essas atitudes como processos relacionais constitutivos das experiências pedagógicas no encontro professor-aluno. Assim, cabe ao educador, nessa perspectiva, ser agente de restauração de um modo autêntico de se relacionar consigo mesmo e com o mundo, de reestabelecer contatos genuínos, de estar aberto à possibilidade de experiências Eu-Tu. Portanto, a Abordagem Gestáltica no trabalho do professor perpassa por estabelecer a natureza humana, que é dialógica, é ser-com, e com isso, o indivíduo torna-se pessoa no encontro com o outro, que é a realização da própria singularidade (Ramon, 2010).

A Abordagem Gestáltica - e a Gestaltpedagogia - devem basear-se na relação dialógica, pelo contato que ocorre no entre do encontro, pois “é o *entre* que precisa ser reconhecido” (Hycner, 1995, p. 39). Isso pressupõe uma ética do inter-humano, uma busca conjunta, pois o entre é o espaço entre duas singularidades, dois *selves* em busca de um contato pleno que decorre da espontaneidade, da criatividade e da graça. Luczinski e Ancona-Lopez (2010) afirmam que o encontro em psicoterapia - e aqui estendemos ao campo da Educação - permite que o paciente/aluno mergulhe em si, que se transforme, porém ressaltam que a relação dialógica, por ser um fenômeno relacional, um fenômeno que ocorre no entre, pressupõe vulnerabilidade. Ao se relevar tal como se é, de modo autêntico, deixando-se levar pelo mistério, que é o encontro, o psicoterapeuta ou o professor encontra-se em um momento de vulnerabilidade. Assim, a visão dialógica na Abordagem Gestáltica envolve dimensões que

devem ser refletidas e repensadas pelo Gestalt-terapeuta e pelo Gestaltpedagogo, pois relação é graça acontecendo no aqui-agora do encontro humano.

A RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE O ESTUDANTE E O PROFESSOR NAS FORMAÇÕES EM GESTALT-TERAPIA

O processo formativo de um Gestalt-terapeuta, no Brasil, ocorre por meio da pós-graduação *lato sensu*, além da possibilidade de pós-graduação *stricto sensu*, ou de cursos livres de formação, incluindo, geralmente, aulas teóricas, workshops e supervisão clínica. A psicoterapia mostra-se também necessária e importante no processo formativo do vir-a-ser do Gestalt-terapeuta, fomentando o tripé teoria, supervisão e psicoterapia pessoal (Bar-Yoseph, Philippon, O'Neil & Brownell, 2014; Nascimento & Ribeiro, 2017). Além do mais, a partir da Gestaltpedagogia, a primazia em uma pedagogia relacional, ou seja, uma ênfase na relação dialógica entre o formador e o formando, mostra-se adequada com os fundamentos filosóficos e teóricos da Abordagem Gestáltica.

Essa relação entre o estudante e o docente, tão enfatizada pela Gestaltpedagogia, é em sua constituição basilar pertencente à esfera do inter-humano. Assim sendo, Cezar (2018) afirma que a relação aluno-professor é um tema imprescindível à Gestaltpedagogia, confirmando a aceção de Cardella (2017), quando afirma que o relacionamento educador-aprendiz é a base da Abordagem Gestaltpedagógica e, o caminho para o aprendizado. Já no modelo da escola tradicional, esse fenômeno mostra-se como uma figura cristalizada, rígida e autoritária. Cezar (2018) salienta a necessidade de estudos sobre propostas educacionais que considerem o educando como um ser total, ativo e responsável. O autor enfatiza, ainda, que a atividade docente não deve basear-se apenas em aspectos intelectuais e conteudistas. Essa assertiva dialoga com as concepções de Assunção e Queiroz (2018) que defendem a incorporação de elementos da Gestaltpedagogia e da relação dialógica na formação dos profissionais da saúde, área que se insere a Psicologia, e, conseqüentemente, a Gestalt-terapia.

A relação formando-formador, para o modelo da Gestaltpedagogia, pressupõe um relacionamento horizontal, autêntico e de pessoa a pessoa, que é mais importante do que os objetivos da aula. Nessa proposta pedagógica, ocorre uma mudança na postura do docente e na prática de ensino (Cezar, 2018). Essa relação é baseada na intersubjetividade, que é definida por Costa (2002) como a capacidade do educador de compreender o educando em sua totalidade existencial. Em vista disso, há, na Gestaltpedagogia, uma ênfase na relação aprendiz-educador, considerada o centro do processo formativo. A aprendizagem ocorre

fundamentalmente por meio de uma relação intersubjetiva. Esse modelo pedagógico mostra-se promissor para as formações em Gestalt-terapia, pois se considera a Abordagem Gestáltica como uma terapia do contato, conforme postula Ginger e Ginger (1995). Deste modo, é no e pelo contato que ocorre a aprendizagem da pessoa do terapeuta gestáltico.

Nessa direção, para Costa (2003), a experiência dialógica de que nos fala Buber é a relação intersubjetiva na Gestaltpedagogia. Sendo assim, a visão buberiana e a Gestalpedagogia enfatizam a relação entre os indivíduos, e a educação é considerada um espaço de ser-com-o-outro, de inclusão dos domínios do Eu-Isso e do Eu-Tu. Para a autora, o ensinar torna-se dialógico na medida em que integra a dimensão cognitiva (Eu-Isso) e a dimensão da relação estudante-docente (Eu-Tu). Assim, a educação passa a ser “(...) um processo no qual se objetiva intersubjetivamente encontrar o reconhecimento de nossa subjetividade” (p. 15).

Entretanto, a dimensão do contato tem se empobrecido na contemporaneidade, conforme aponta Silva, Baptista e Alvim (2015), visto que há uma tendência na fragmentação da totalidade do indivíduo, provocando a dissociação e a desintegração, tendo como consequência, a neurose. Esse fenômeno é entendido como fragmentação da totalidade biopsicossocioecoespiritual do ser humano, ou seja, como uma interrupção das potencialidades. Assim, a formação do ser humano fica prejudicada em uma sociedade na qual as escolas/universidades/institutos neoliberais valorizam a formação técnica, instrumental, racional e operacional (Chauí, 2003; Dardot & Laval, 2016; Laval, 2019). Trata-se de uma pseudoformação (Resende, 2003). Essa influência pode alterar o percurso formativo em Gestalt-terapia, que tende a torna-se técnico. Por isso, cabe ao professor, nessa perspectiva, uma atitude que busque a integração do ser humano, da totalidade dos envolvidos no processo formativo.

Ao se referir sobre a formação de psicoterapeutas baseada no modelo da Gestaltpedagogia, Cardella (2017) afirma que o docente deve ter disponibilidade para relacionar-se com os estudantes, confirmando e aceitando-os como são. O professor deve valorizar a vivência presente, o aqui-agora, ofertando possibilidade de que o aprendiz se conscientize e tome posse de seus recursos e possibilidades de criação. Isso exige uma qualidade de presença em sala de aula que promova a atualização das potencialidades e a conscientização das necessidades. Para isso, o desenvolvimento pessoal do professor é fundamental. Sobre as atitudes do professor, a autora continua defendendo que

(...) cabe aos educadores responsáveis pela formação de psicoterapeutas criar condições facilitadoras de aprendizagem que pressupõem, nessa profissão, o desenvolvimento pessoal; é importante, portanto, facilitar a integração das diferentes dimensões da experiência do aluno levando em consideração o contexto acadêmico, e com finalidade pedagógica. (p. 103)

Essa autora ressalta que não se trata de realizar psicoterapia com o formando, visto que nesse processo, a função é de se aprofundar nos conflitos que interrompem a atualização do sujeito. No ensino gestaltpedagógico nas formações em Gestalt-terapia, busca-se que o estudante se depare “(...) com a matéria bruta de seu ofício: as experiências e relações humanas” (p.95). Deve-se, portanto, capacitar o aprendiz para relacionar-se com o outro.

Destarte, o percurso formativo na Abordagem Gestáltica deve considerar a totalidade do aprendiz, o que inclui também a dimensão da espiritualidade, visto que, conforme Vaz (2007), a relação Eu-Tu leva o indivíduo ao encontro do sagrado, o que mobiliza toda sua existência. Essa autora afirma que a “cura” do processo de desintegração deriva da relação, pois é, no encontro, no compartilhar profundo de *self* que há possibilidade de integração. O professor, pautado na Gestaltpedagogia e na busca de uma educação integral, usará da relação dialógica como instrumento que permite a emergência de uma aprendizagem com sentido. Aqui, entende-se a espiritualidade e o sagrado, nos processos de ensino-aprendizagem em Gestalt-terapia, como aquilo que preenche o ser de significado e de sentido.

Sendo assim, é o sagrado que dá sentido à vida, plenifica as possibilidades, é mistério, é arrebatamento e ao mesmo tempo é temor. A psicoterapia dialógica - e aqui a Gestaltpedagogia - seria um espaço para o resgate da totalidade do existir humano, levando o sujeito a um movimento de transcendência, de autoformar-se como indivíduo integral na vida (Vaz, 2007). A formação em psicoterapia gestáltica deixa, portanto, de ser uma formação técnica e passa a se configurar como experiencial, integrando a totalidade do discente. Essa visão concorda com a afirmação de Perls (1973/2020) de que aprender é descobrir que algo é possível. Ao discutir sobre as introjeções, o autor afirma que o conteúdo provindo do meio externo

tem que ser desestruturado, analisado, separado e, de novo, reunido sob a forma que nos será mais valiosa. Se for meramente engolido inteiro não contribui para o desenvolvimento de nossas personalidades. Pelo contrário, nos torna algo semelhante a uma casa tão superlotada com coisas de outras pessoas que não sobra lugar para as

coisas do dono. Transforma-nos em latas de lixo de informações estranhas e irrelevantes. E o que torna mais isto mais trágico é o fato de que se esta matéria tivesse que ser temperada, alterada e transformada através de nós, poderia ser-nos de um valor enorme. (p. 47)

Essa concepção envolve a dimensão da liberdade e da escolha daquilo que faz sentido para o sujeito. Aqui, de como os conteúdos das formações em Gestalt-terapia vão sendo integrados de forma harmoniosa no vir-a-ser-Gestalt-terapeuta. Portanto, uma formação para a emancipação (Resende, 2003). Esse processo de assimilação se dá via experiência, pois é através dela que a aprendizagem ocorre, vivência essa que se dá no contato entre as fronteiras dos indivíduos, ou seja, no campo da intersubjetividade. O Gestalt-terapeuta, nesse sentido, forma-se em institutos e universidades e para além delas. Esse profissional se forma na vida, que é relação, encontro, experiência e descoberta.

Tendo a filosofia dialógica como referencial, Vaz (2007) afirma que a pessoa separada do sagrado conhece o mundo e a vida de modo incompleto, sendo a perda dessa dimensão existencial uma das causas das demandas em clínica psicológica - e aqui, de um processo formativo insatisfatório, de uma pseudoformação. A Abordagem Gestáltica como uma perspectiva dialógica visa, incluindo a atuação no campo educacional, ao resgate do sagrado no humano, da totalidade do ser humano, ou seja, de uma formação do indivíduo como um todo. Defende-se a ideia de que a Gestaltpedagogia é uma prática que pode levar o sujeito à transcendência na medida em que as experiências formativas englobam o desenvolvimento da totalidade. Os processos educativos, nesse modelo, constituem-se como uma educação integral, conforme apontam Burow e Scherpp (1985).

Motta et al. (2020) definem a Gestalt-terapia como uma clínica do encontro ao descrevê-la como uma psicoterapia fundamentada nos princípios dialógicos de Buber. Neste estudo, propõe-se a Gestaltpedagogia como uma pedagogia buberiana, ou melhor, uma Gestaltpedagogia do encontro. Defende-se um modelo educacional pautado na relação aluno-professor, no encontro entre pessoas, na intersubjetividade e na ética do entre. No campo do ensino, a relação estudante-docente nas formações em Gestalt-terapia assume um lugar de destaque. Nessa perspectiva, o Gestalt-terapeuta deve ser considerado um profissional formado na e pela relação. Para formar-se Gestalt-terapeuta, deve formar-se como pessoa inteira, in-diviso, como nos aponta Naranjo (2007) ao afirmar que o indivíduo é aquele que

não é dividido, portanto, in-diviso. Esse sujeito é totalidade, é *Gestalt* prenante, e é essa pessoa total que se torna figura no processo educativo em Gestalt-terapia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse ensaio teórico buscou, na ótica da Gestaltpedagogia, subsídios para compreender a relação dialógica entre o aluno e o professor no campo das formações em Gestalt-terapia. Partiu-se da ideia da Gestaltpedagogia como uma pedagogia buberiana ou como uma Gestaltpedagogia do encontro ao propor que o processo educativo e formativo ocorre por via da relação. É na e pela relação que o sujeito se forma como indivíduo, que é um todo, e como profissional, como Gestalt-terapeuta, que é uma parte dessa totalidade. Somos, portanto, pessoas-profissionais, parte-todo indissociáveis.

Considerou-se o Gestalt-terapeuta como um profissional da relação, portanto a formação clínica deve basear-se em uma proposta educacional que integre os aspectos relacionais e dialógicos. A Gestaltpedagogia mostrou-se como uma abordagem educativa que valoriza essa dimensão no processo de ensino-aprendizagem. Todavia, não se negam os aspectos formais, científicos e técnicos das formações na Abordagem Gestáltica, que são necessários e até mesmo estruturantes. Buscou-se, nesse estudo, a reflexão sobre a proposição de incluir como fundamento a relação dialógica como instrumento formativo em Gestalt-terapia.

Ao discorrer sobre a relação dialógica entre o formando e o formador nas formações em psicoterapia gestáltica, baseando-se na perspectiva teórica da Gestaltpedagogia, procurou-se elucidar que essa formação deve ser integral, ou seja, considerar a totalidade do discente. Nessa proposta, a relação dialógica é promotora de estímulo para que o aluno busque seu caminho de autoformação, na busca de uma aprendizagem vivencial e experiencial com sentido e significado, que o leve a trilhar a transcendência e a emancipação. A universidade ou o instituto tornam-se o ponto de formação, mas o processo formativo não se encerra nelas. A vida, como um todo, forma o indivíduo que pretende ser Gestalt-terapeuta. Pretende ser porque a formação é contínua e ininterrupta, é sempre um vir-a-ser, é fluxo de *Gestalten*.

Espera-se que esse estudo possa promover reflexões no campo da universidade e das formações em Gestalt-terapia, propiciando um olhar compreensivo para a totalidade desse fenômeno. A proposta apresentada possui limitações e insere-se no campo da utopia e da esperança. A universidade brasileira e os institutos de formação, quando aderem a valores

operacionais, neoliberais e violentadores das potencialidades humanas, distanciam-se da perspectiva discutida. Porém, acredita-se que a abertura para novas abordagens educacionais possa ser a possibilidade de micro-mudanças no contexto de ensino de cada professor.

Novas pesquisas poderão investigar a articulação entre a educação de psicoterapeutas e a Gestaltpedagogia, visto que os estudos nessa área se concentram no campo escolar. Investigações empíricas que analisem programas educacionais em Gestaltpedagogia no contexto brasileiro das formações na Abordagem Gestáltica podem ser interessantes para vislumbrarmos as possibilidades e limitações dessa abordagem na prática educacional. A Gestaltpedagogia com enfoque na relação dialógica mostra-se, portanto, como um campo vasto de pesquisas e reflexões, é *Gestalt* aberta.

REFERÊNCIAS

- Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2019). *Sentidos da psicoterapia: teoria e prática da gestalt-terapia*. Curitiba: Juruá.
- Assunção, G. S., & Queiroz, E. (2018). Gestaltpedagogia e relação dialógica: contribuições para a formação de profissionais de saúde. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(3), 287-297.
- Bar-Yoseph, T. L., Philippson, P., O'Neil, B., & Brownell, P. (2014). Formação de terapeutas. Em Brownell, P. (Org.), *Manual de teoria, pesquisa e prática em gestalt-terapia* (pp. 131-151). Petrópolis: Vozes.
- Buber, M. (2006). *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro (Originalmente publicado em 1923).
- Buber, M. (2014). *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva (Originalmente publicado em 1930).
- Buber, M. (2018). *¿Qué es el hombre?* México: Fondo de Cultura Económica (Originalmente publicado em 1942).
- Burow, O. A., & Scherpp, K. (1985). *Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação*. São Paulo: Summus.
- Cardella, B. H. P. (2017). *A construção do psicoterapeuta: uma abordagem gestáltica*. São Paulo: Summus.

- Cezar, A. T. (2018). Gestaltpedagogia: um caminho trilhado na intersubjetividade. *Debates em Educação*, 10(20), 143-154.
- Chauí, M. (2003). A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 5-15.
- Ciornai, S. (2004). *Percursos em arteterapia*. (Vol. 1). São Paulo: Summus.
- Costa, V. E. S. M. (2002). *A relação professor-aluno a partir da gestaltpedagogia: a intersubjetividade como elemento significativo para a aprendizagem* (Dissertação de mestrado em Educação). Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Costa, V. E. S. M. (2003). O pensamento holístico na gestaltpedagogia [Resumo]. Em Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (Org.), *Revista do IX Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica* (p. 9-21). Goiânia, GO: ITGT.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- Dusi, M. L. H. M., Neves, M. M. B. J., & Antony, S. (2006). Abordagem gestáltica e psicopedagogia: um olhar compreensivo para a totalidade criança-escola. *Paidéia*, 16(34), 149-159.
- Ginger, S., & Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma terapia do contato*. São Paulo: Summus.
- Hycner, R. (1995). *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. São Paulo: Summus.
- Hycner, R., & Jacobs, L. (1997). *Relação e cura em gestalt-terapia*. São Paulo: Summus
- Laval, C. (2019). *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. São Paulo: Boitempo.
- Luczinski, G. F., & Ancona-Lopez, M. (2010). A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. *Estudos de Psicologia*, 27(1),75-82.
- Motta, H. L., Assis, G. A. P., & Satelis, L. R. (2020). A gestalt-terapia como clínica do encontro: compreendendo a relação dialógica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(especial), 382-392.
- Naranjo, C. (2007). *Por una gestalt viva*. Barcelona: Ediciones La Llave D. H.

- Nascimento, L. C. S., & Ribeiro, J. P. (2017). Reflexões acerca da formação em gestalt-terapia no Brasil. *Psi Unisc*, 1(1), 142-153.
- Nogueira, G., Resende, M. R. S., & Roure, S. A. G. (2020). A proposta pedagógica de Karl Jaspers e sua reflexão sobre o ato de educar. *Psicologia em Ênfase*, 1(1), 132-139.
- Perls, F., Hefferline, R., & Goodman, P. (1951/1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. (1973/2020). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. São Paulo: Summus.
- Ramon, S. P. (2010). A psicoterapia dialógica de Martin Buber. *Psico*, 41(4), 534-541.
- Resende, M. R. S. (2003). A educação com base em uma formação para a emancipação: uma reflexão. *Inter-Ação*, 28(1), 37-49.
- Ribeiro, J. P. (2006). *Vade-mécum de gestalt-terapia: conceitos básicos*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2011). *Conceito de mundo e de pessoa em gestalt-terapia: revisitando o caminho*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2012). *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2022). *Gestalt-terapia: por outros caminhos*. São Paulo: Summus.
- Silva, T. C. D., Baptista, C. S., & Alvim, M. B. (2015). O contato na situação contemporânea: um olhar da clínica da gestalt-terapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 21(2), 193-201.
- Vaz, C. M. (2007). A gestalt-terapia e a questão do sagrado. *Revista ITG na Rede*, 4(7), 121-127.
- Yontef, G. M. (1998). *Processo, diálogo e awareness: ensaios em gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.

Gustavo Alves Pereira de Assis: Universidade Federal de Goiás (UFG).
E-mail: gustavo15assis@gmail.com

Recebido em 09.05.2023

Aceito em 13.10.2023